

A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil¹
La relevancia de la afectividad para la inclusión de estudiantes autistas en la educación infantil

Alessandra Maria Rodrigues²
Cláudia Terra do Nascimento Paz³

Recebido em: 25/07/2020

Aprovado em: 10/09/2020

Publicado em: 30/09/2020

Resumo:

O presente trabalho é requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação lato sensu em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva, ofertado pelo IFTM, e tem por objetivo identificar a relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem do aluno autista, além de traçar estratégias para alcançar a excelência no processo educacional, tendo em vista o acesso à educação regular para alunos com necessidades especiais. Revisamos conceitos propostos por Henri Paul Hyacinthe Wallon e Lev Vygotsk, balizados por estudiosos como Dantas (1992), Cury (2003) e Almeida (1999), entre outros. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, utilizando como procedimento técnico para coleta de dados a revisão de literatura, de cunho bibliográfico. A interpretação das informações se deu por meio do cruzamento de teorias que abordam a inclusão e a afetividade, através da qual foi possível estabelecer uma relação entre a afetividade e a inclusão, em especial do aluno que apresenta o Transtorno do Espectro Autista. Os resultados apontaram que a afetividade tem papel de extrema relevância no processo de aprendizagem, uma vez que são as relações sociais (aluno-aluno, aluno-professor, aluno-escola) que vão determinar o bom desempenho dos alunos, inclusive, dentro das perspectivas do autismo, ultrapassando barreiras e realizando uma verdadeira inclusão na escola regular, oportunizando, assim, a aprendizagem.

Palavras-chaves: Afetividade; Autismo; Aprendizagem; Inclusão.

RESUMEN

El presente trabajo es un requisito para completar el curso de Posgrado lato sensu en Educación Profesional y Tecnológica Inclusiva, ofrecido por el IFTM, y tiene como objetivo identificar la relevancia de la afectividad en el proceso de enseñanza-aprendizaje del estudiante autista, además de diseñar estrategias para lograr la excelencia en el proceso educativo, mirando a acceder a la educación regular los estudiantes con necesidades especiales. Revisamos conceptos propuestos por Henri Paul Hyacinthe Wallon y Lev Vygotsk, marcados por estudiosos como Dantas (1992), Cury (2003) y Almeida (1999), entre otros. Se trata de una investigación descriptiva, que utiliza como procedimiento técnico la revisión de la literatura, así, tiene carácter bibliográfico. La interpretación de la información se dio a través del cruce de teorías que abordan la inclusión y la afectividad, donde fue posible establecer una relación entre afectividad e inclusión, especialmente del estudiante que presenta Trastorno del Espectro Autista. Los resultados mostraron que la afectividad tiene un papel sumamente relevante en el proceso de aprendizaje, ya que son las relaciones sociales (alumno-alumno, alumno-profesor, alumno-escuela) que determinarán el buen desempeño de los alumnos, incluso dentro de las perspectivas del autismo, superando barreras y haciendo una inclusión real en la escuela regular, brindando así la oportunidad del aprendizaje.

Palabras-clave: Afectividad; Autismo; Aprendizaje; Inclusión.

¹ Artigo apresentado na disciplina Trabalho de conclusão de curso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva.

² Graduada em Química. Pedagogia. Especialização em Ensino de Biologia. Professora da Rede Municipal de Ensino em Uberaba-MG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0232-3893>. E-mail: alessamarya@hotmail.com

³ Orientadora, Graduada em Pedagogia. Educadora Especial. Psicopedagoga. Doutora em Educação pela UFRGS. Professora efetiva do IFSC, Campus Tubarão. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8182-9264> E-mail: claudia.paz@ifsc.edu.br.

Introdução

A aquisição do conhecimento no aluno com o Transtorno do Espectro Autista ocorre de forma semelhante a qualquer outra criança, o que será diferente é a estratégia pedagógica que deve ser utilizada no cotidiano escolar.

Considerando, por exemplo, uma característica do autista de menor grau, conhecida até o DSM-IV⁴ como Síndrome de Asperger, sabe-se que com acompanhamento especializado e individualizado, o aluno com a síndrome pode ser aprender a lidar com suas dificuldades. Diante do tratamento, é importante pensar não apenas nos entraves, mas detectar as áreas em que eles apresentam mais habilidades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Assim, é imprescindível que todo educador, ao elaborar seu planejamento, tenha em vista as especificidades de cada aluno, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade heterogênea. Além disso, não há um único tempo ou maneira para que todos aprendam igualmente, pois cada um é único e irrepetível.

Pensando nisso, o docente precisa identificar as dificuldades, mas principalmente as potencialidades de seus alunos, para traçar metas a serem alcançadas e selecionar procedimentos a serem adotados. Após esse primeiro contato, ele será capaz de estabelecer um laço de confiança, com palavras de carinho e incentivo, para que todos se sintam acolhidos e capazes de aprender, uma vez que a afetividade é uma ferramenta essencial para a aprendizagem. Conforme apresenta Dantas (1992) em seus estudos, "(...) a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva, assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade" (DANTAS, 1992, p.90).

A partir daí, aliada ao acolhimento do educando, está a oferta de um ambiente escolar saudável e adequado às necessidades de cada um. Independente, de termos alunos dispersos, concentrados, autistas, superdotados, é preciso que um vínculo seja estabelecido e que situações propícias à aprendizagem aconteçam. Assim, uma parceria poderá ser criada e os resultados serão ainda melhores. Tal afirmação é respaldada por Nunes (2009), quando afirma que:

⁴ Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

O papel da afetividade na educação não deve ser o de mero coadjuvante, mas sim o de ocupar o centro do palco junto aos conteúdos e métodos pedagógicos que fazem parte do currículo escolar formal, que por si só já contribuem inestimavelmente para o crescimento de crianças e jovens (p.123).

Outros fatores de extrema relevância são a formação dos professores e sua identificação com a carreira escolhida. Uma vez que é preciso que o professor se especialize, em sua área de atuação, para que ocorram intervenções relevantes e para que o docente esteja preparado frente às situações desafiadoras impostas à todo aquele que trabalha com educação.

Nesta perspectiva, entende-se que o ofício do professor é construído na proporção que o mesmo promove o conhecimento teórico-acadêmico e a cultura escolar, além de refletir a respeito de sua práxis. Assim, Guarnieri (1997) elabora uma análise sobre a atuação docente.

Reverendo aspectos de pesquisa que enfocam a chamada “competência para ensinar”, dando ênfase aos “novos paradigmas investigativos, os quais buscam a partir do pensamento e desenvolvimento profissional dos professores “uma epistemologia da prática” que explique como se configura o processo de aprender a ensinar, de tornar-se professor” (GUARNIERI, 1997, p. 2).

Dessa maneira, numa constante tentativa de superar o modelo da racionalidade técnica, as pesquisas e os cursos de formação de professores necessitam urgentemente redirecionar as relações entre teoria e prática, centrando as análises na prática docente, como afirma Guarnieri (1997):

(...) procurando identificar quais conhecimentos são desenvolvidos pelo professor ao atuar, no âmbito da cultura escolar e das condições mais adversas do seu trabalho. Também busca especificar e estudar as necessárias articulações desses conhecimentos do professor tanto com a prática, quanto com os conhecimentos teóricos acadêmicos da formação básica. Tais articulações possibilitam o desenvolvimento da capacidade reflexiva, que favorece o compromisso com o ensino de qualidade e a competência para atuar. (p.06).

Além das questões citadas, ainda é muito relevante o fato de que houve um aumento do número de crianças autistas frequentando a escola regular. Conforme dados do INEP⁵ (2018) cresceu em 37%, em um ano, o percentual de alunos autistas em

⁵ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

escolas. Em 2018, esse número de alunos subiu para 105.842, dados esses extraídos do Censo Escolar, divulgado anualmente pelas instituições de ensino. Para tanto, são levados em conta alunos de escolas públicas e particulares.

Por fim, existe a interferência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Com base nas questões apontadas anteriormente, partimos do seguinte questionamento: Qual é a relevância da afetividade para a inclusão do aluno autista na Educação Infantil? Considerando essa questão, o presente trabalho tem como objetivo entender de que maneira a afetividade pode interferir no processo de aprendizagem do aluno com TEA⁶ e qual a relevância da mesma dentro do processo de inclusão no segmento da Educação Infantil.

Nessa ótica, o tema justifica-se pela urgência na adoção de ferramentas pedagógicas que possam atuar de forma eficiente e significativa no processo de ensino dos alunos os quais se encontram nesse contexto. Além disso, a necessidade de alternativas que contribuam com a práxis diária, preparando verdadeiramente o educador para essa tarefa árdua, porém edificante.

Pesquisas de Almeida (1997) com relação à afetividade dentro do processo escolar têm apresentado pontos relevantes na construção do conhecimento e da identidade do educando. Tendo como pressupostos básicos as teorias de Wallon e Vygotsky, esses estudos, procuram identificar a presença de aspectos afetivos na relação professor-aluno e suas influências no processo de aprendizagem.

Wallon (apud ALMEIDA, 1999, p. 51) ressalta que "a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados".

Considerando a instituição educacional como seio de todo o processo de ensino-aprendizagem é indispensável entender que "as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente" (ALMEIDA, 1999, p. 107).

⁶ Transtorno do Espectro Autista

Metodologia

Considerando a visão de Gil (2008, p. 26) a pesquisa pode ser compreendida “como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Utilizando como referência a classificação de Gil (2008), o trabalho em questão trata-se de uma revisão de literatura, de cunho bibliográfico, pois, busca na literatura científica pertinentes conhecimentos que busquem explicar o fenômeno estudado.

Dentre os processos de execução da pesquisa estão: a determinação dos objetivos, a elaboração do problema de pesquisa, a identificação das fontes, a localização das fontes e obtenção do material, a leitura do material, a tomada de apontamentos, e por fim, a realização das análises a partir da literatura estudada.

No que concerne à caracterização do estudo, apresenta-se como uma pesquisa cujo foco é apresentar como a afetividade interfere para a inclusão do aluno autista na Educação Infantil e qual a relevância disso dentro do processo de ensino aprendizagem. O objetivo desta análise é perceber como a afetividade interfere no processo de ensino-aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista e apontar caminhos para uma melhora na práxis educacional.

Assim, constitui-se em uma revisão de literatura de cunho bibliográfico, cuja coleta de dados foi realizada em fontes teóricas, impressas e digitais, a partir de estudos científicos que tratam do tema, nos quais se procurou identificar como a afetividade interfere para a inclusão do aluno autista na Educação Infantil, procurando garantir uma análise que permitisse a reflexão e o surgimento de propostas de intervenção pedagógica.

Fundamentação Teórica

Nas últimas décadas tem se buscado incessantemente aprimorar os processos de ensino e criar estratégias para que a aprendizagem aconteça de forma verdadeiramente significativa para todos os alunos, em especial para aqueles que, dentro de sua heterogeneidade, precisam de caminhos diferentes para chegar a um mesmo fim. Para

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

tanto, são fundamentais alguns aspectos relevantes: a afetividade e a aprendizagem, a inclusão e, em especial, a inclusão do aluno autista.

A afetividade e a aprendizagem

No sentido de agregar um valor ainda maior à aprendizagem, surgiu a procura de meios mais efetivos para esse processo, dentre os quais, encontra-se a afetividade. Tendo em vista que estudos apontam esse caminho como uma via, segura para despertá-lo para o conhecimento, já que é por meio dela que os indivíduos conseguem melhorar seu relacionamento com as pessoas.

A partir daí, é possível compreender porque algumas crianças, carentes de amor, independentemente de sua idade, apresentam dificuldades de relacionamento no contexto escolar. O que interfere no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Conforme nos apresentam as análises de Dantas (1992).

É essencial que o professor tenha total ciência de seu papel na construção da personalidade de uma criança. Portanto, deve observar com atenção às experiências de cada um, além de considerar o contexto familiar e social, no qual, os educandos se encontram inseridos. Uma vez que “ser educador é ser promotor de autoestima” (CURY, 2003, p. 145).

Dessa forma, não há como tratar da afetividade sem revisitar os teóricos como Wallon e Vygotsky, os quais compartilham de alguns elementos em comum ao se tratar de afetividade. Concordando quanto ao seu caráter social, assim apresentando, cada um a seu modo, uma visão semelhante que as manifestações emocionais, conseqüentemente de caráter orgânico, adquirem complexidade, agindo no universo simbólico. Assim, defendendo a particular relação entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, também reforçando que afirmarem que os mesmos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

Wallon (apud ALMEIDA, 1999, p. 51) ressalta que “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

Vygotsky (apud OLIVEIRA, 1992, p. 76) afirma que o pensamento “tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos,

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva".

Afirma, ainda, que o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações se aliam à percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros (MACHADO, 1996).

Assim, é indiscutível que a afetividade, independente da condição e da individualidade de cada criança, é mola propulsora para que a aprendizagem ocorra. Quem ama, educa e quem se sente amado abre-se ao processo de aprender. Dificuldades, com certeza aparecerão para todos, entretanto a maneira como o educador abraça seu ofício e acolhe, sem distinções, aqueles destinados a ele fará toda a diferença no caminho para a aquisição do conhecimento.

A Inclusão Escolar

Nos últimos 30 anos tem se verificado uma preocupação crescente, envolvendo diversos segmentos da sociedade quanto à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular.

Ao nos referirmos às “necessidades educacionais especiais” trazemos à tona a existência de certo entrave no que diz respeito ao processo de ensino - aprendizagem, ressaltando que esses indivíduos demandam metodologias e recursos diferenciados no âmbito do contexto escolar, o que faz com que os sistemas de ensino e, principalmente os docentes, procurem novas ferramentas que ofereçam meios adequados para cada indivíduo, dentro desse processo.

[...] os alunos com necessidades educacionais especiais são aqueles alunos que por apresentar algum problema de aprendizagem ao longo de sua escolarização exigem uma atenção mais específica e maiores recursos educacionais do que os necessários para os colegas de sua idade (COLL, PALÁCIOS & MARCHESI, 1995, p. 11).

Considerando que a sociedade passa por mudanças constantes, é imprescindível que barreiras sejam ultrapassadas, tanto quanto ao preconceito, quanto ao conceito defendido de que a educação é para todos. Partindo dessa premissa, percebe-se que incluir os alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular é um

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

grande salto do ponto de vista pedagógico, uma vez que é necessário um envolvimento dos docentes, no sentido de “abraçar” essa nova realidade, acompanhado de uma constante formação profissional.

Dessa maneira, para que as Instituições de Ensino possam atender de maneira coerente é imprescindível que aconteça uma revisão do sistema educacional, tanto no que concerne a metodologias, ao Projeto Político Pedagógico quanto a adaptações curriculares. Para que consiga atender às particularidades de cada um, visando tanto o aspecto cognitivo, quanto o de interação social com docentes e seus pares.

Um currículo centrado fundamentalmente nos conteúdos conceituais e nos aspectos mais acadêmicos, que propõe sistemas de avaliação baseados na superação de um nível normativo igual a todos, lança ao fracasso alunos com mais dificuldades para avançar nestes âmbitos. Os currículos mais equilibrados, nos quais o desenvolvimento social e pessoal também tem importância e em que a avaliação seja feita em função do progresso de cada aluno, facilitam a integração dos alunos (MARCHESI, 2004, p. 39).

A verdadeira educação inclusiva acontecerá quando não só o sistema educacional abraçar essa causa, mas também a sociedade, quebrando as barreiras veladas do preconceito. Além disso, é preciso um investimento por parte dos poderes públicos na formação permanente de professores e o oferecimento de recursos concretos para que isso ocorra.

Só assim, o que outrora chamamos de utopia, poderá tornar-se uma frutífera realidade, não só integrando os alunos, mas fazendo acontecer à verdadeira inclusão.

A Inclusão do aluno Autista e suas Demandas

Ao trabalhar com crianças autistas é fator primordial entender que as mesmas possuem dificuldade em se adaptar às realidades educacionais. Sendo encontrados problemas como a dificuldade na socialização, na organização, além da distração e dificuldade em sequenciar.

A partir das leituras da obra de Vitalino (2010) e de experiências pessoais foi possível perceber que o que torna essa situação ainda mais complexa é a falta de qualificação profissional, tanto para um diagnóstico preciso, quanto para a elaboração de um planejamento adequado. Uma vez que cada indivíduo, portador ou não do TEA, é

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

único em seu processo de aprendizagem. Assim, diante desse cenário torna-se, muitas vezes, a aprendizagem sofrida, comprometendo o acompanhamento desse aluno.

Em se tratando de crianças com autismo, a questão da afetividade se apresenta como uma possibilidade para atenuar o processo, dessa maneira tem conquistado um papel importante para avanços significativos no desenvolvimento das crianças inseridas na educação infantil, não somente com autismo.

A forma com que essas crianças conseguem se comunicar requer muita atenção e quando conseguimos captar essas mensagens e passamos tal confiança para estes alunos, a comunicação se estabelece. Essa linguagem é criada depois de um longo processo de afetividade e carinho.

É inegável que a prática contribui para o desenvolvimento das teorias, já que a meta é a prática, a teoria precisa transformá-la em práxis. O currículo precisa ser flexível para que possa adaptar-se às necessidades reais de cada indivíduo e ao seu tempo de aprendizagem. Para que docente e discente possam ser cúmplices nessa empreitada, descobrindo o conhecimento e descobrindo-se a cada dia. Nas palavras de Cunha (2015):

Um currículo funcional para a vida prática compreende tarefas que podem ser executadas em perfeita sintonia entre escola e a família, alcançando etapas previamente estabelecidas. Cada etapa superada demanda uma nova. Lista - se uma série de afazeres diários que precisam ser realizados, como dobrar roupa de cama, escovar os dentes etc.(p.59)

Esse processo de ensino - aprendizagem acontece quando se cria um laço entre os aspectos afetivo e intelectual. Podendo assim estabelecer a importância de meios que favoreçam esse trabalho como a autonomia e o autoconhecimento, além da própria regulação de conduta. Levando em conta que a autoestima é, sem dúvida, um dos meios mais relevantes para aprimorar o processo de aprendizagem.

[...] autoestima é sem dúvida uma das grandes descobertas das ciências do comportamento do século XX. Para os investigadores é um vasto terreno de onde não emerge nenhuma teoria global. As abordagens são múltiplas não é fácil orientarmo-nos. Embora a teoria está continuamente desafiada a manter-se ligada aos acontecimentos de diversas atividades (ARAGÓN, DIEZ, 2004, p. 9apudCABRAL, 2006, p. 18).

Observa-se que o processo de ensino-aprendizagem se constitui a partir da chegada do aluno na escola, e não apenas dentro da sala de aula, ou seja nas mais

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

diversas situações do contexto escolar, portanto, há habilidades que devem ser estimuladas, não apenas pelos professores, mas por toda a equipe escolar e devem estar centradas na afetividade e no desenvolvimento da autoestima. Esse trabalho deve ser ampliado, pois são a partir dos laços afetivos que se concretizam a confiança, o respeito entre outros valores essenciais para potencializar o processo ensino-aprendizagem, e com pequenas ações como um abraço pode mudar, um contexto, dependendo de quem acolhe e é acolhido, conforme o contexto, são ações que podem contribuir para se estabelecer a interação social, tanto entre professor-aluno, como aluno-aluno, como na constituição do próprio eu.

Apresentação dos Resultados

A partir dos achados na literatura, é possível perceber que há diversas maneiras de auxiliar o aluno autista, considerando que é essencial conhecê-lo, para compreender suas dificuldades e avanços, para conseguir alcançar uma aprendizagem verdadeira. O professor, assim, irá se tornar um integrante dessa via de mão dupla.

Mesmo que o aluno autista processe de maneira diferente o mundo que o cerca, é preciso levar em conta que vivemos em um mundo de heterogeneidades. Portanto, como qualquer outro aluno, precisa ser tratado e ensinado conforme sua individualidade. Considerando que o desenvolvimento dessa criança possui um ritmo mais lento, é ainda mais relevante a importância de atenção, de elogios e de motivação.

A partir da literatura estudada, foi possível verificar que a afetividade é de extrema relevância para a melhora do processo de aprendizagem dessa criança. Apesar de apresentar dificuldades de socialização, os alunos autistas respondem bem aos estímulos positivos, por isso mesmo deve ser estabelecida uma forte parceria entre escola e família.

Considerações Finais

Tendo em vista as considerações feitas, fica clara a marcante e repetida influência da afetividade nas interações sociais e nos processos de desenvolvimento cognitivo. Assim, pode-se perceber como a afetividade é fundamental na determinação das relações, as quais são estabelecidas entre os alunos e as diferentes áreas e conteúdos escolares, além do envolvimento na prática dentro do cotidiano escolar.

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

Assim, ao compreendermos que os alunos autistas possuem capacidade de aprender como qualquer outro, pois devemos partir da premissa de que existem diversas maneiras de adquirir conhecimento e ver o mundo tão vasto o qual nos cerca. Cabe a nós, enquanto educadores buscar na afetividade, dentro de sua conceituação mais ampla, uma ferramenta a mais na busca de alternativas que ampliem as perspectivas de aprendizagem.

Além disso, através da pesquisa em questão, verificou-se a influência das emoções na construção do conhecimento de forma extremamente positiva. O professor que ama o que faz que se relacione com seus alunos faz toda a diferença, encantando ao ensinar. E quem é encantado ultrapassa barreiras intelectuais, cognitivas e emocionais.

Devemos levantar essa reflexão, ou seja, como cada educador pode fazer a diferença pode cobrar políticas públicas e pode reinventar-se a cada dia para ensinar alunos autistas, mas também a todos que busca no conhecimento uma forma de libertação.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). DSM 5: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ALMEIDA, A. R. S. **Emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

CABRAL, M. L.S. **Autoestima no processo ensino-aprendizagem**. Dissertação, 2006. João Pessoa-PB: Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/index.php?option=com_content&task=view&id=80&Itemid=52>. Acesso em: 04/07/2015.

COLL, C., PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (organizadores). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CUNHA, E. **Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6ª ed. Rio de Janeiro: WAK Ed. 2015.

CURY, Augusto J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.;

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2008.

GUARNIERI, M.R. **O início na carreira docente: Pistas para o estudo do trabalho do professor**. In: Anais da Anped, 1997.

NUNES, Vera. **O papel das emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

VITALINO, C.R. **Formação de Professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina, PR: EDUEL, 2010.162p.

WILLIAMS, C. **Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger: estratégias práticas para pais e profissionais**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2008.

INICIAÇÃO & FORMAÇÃO DOCENTE

Como citar este artigo (ABNT)

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.; **A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N.; (2020). **A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

